



## Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro (por uma rede de transdisciplinaridade)

Denize Elena Garcia da Silva<sup>i</sup> (UnB)

### Resumo :

O objetivo do artigo é apresentar uma reflexão crítica, com enfoque semiótico e discursivo sobre um fato noticioso. Inicialmente, procuro situar a Análise de Discurso Crítica (ADC) como disciplina e o lugar por ela ocupado no contexto brasileiro. Em seguida, delinheio o percurso da ADC, na vertente de Fairclough (2001,2003,2010), paralelo ao caminho da Gramática do Design no Design Visual (GDV), na vertente desenvolvida por Kress e van Leeuwen (1996,2001), balizando-me pelo diálogo seminal de ambas com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1994,2004). Ancorada nessa triangulação teórica, desenvolvo um estudo de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa). Os resultados alcançados sugerem que conjugações associadas de imagem e notícias fornecem interpretações que induzem o público-leitor a olhares diferentes, guiados por uma pluralidade de sentidos ideologicamente alimentados pela mídia.

**Palavras-chave:** discurso midiático, gramática visual, ideologia.

### Abstract:

The aim of this paper is to present a critical reflection focusing on semiotic and discursive analysis about news fact. Initially, I try to situate the Critical Discourse Analysis (CDA) as a subject and the place it occupies in the Brazilian context. Then I outline the path of the CDA, on the slope of Fairclough (2001, 2003, 2010), parallel to the path of the Grammar of Visual Design (GVD), developed by Kress and van Leeuwen (1996, 2001), guiding myself by both seminal dialogue with Systemic Functional Linguistics (SFL), proposed by Halliday (1994, 2004). Based on that theoretical triangulation as well as on empirical data collected in different news media support, I develop a qualitative study (descriptive and interpretative). The results suggest that associated conjugation of images and reports provide interpretations that induce the readers to different looks, guided by a plurality of meanings ideologically fed by the media.

**Keywords:** media discourse, visual grammar, ideology .

## Introdução

O presente artigo tem como propósito central apontar e discutir uma forma de “hibridismo semiótico”, decorrente de representações midiáticas em torno de um fato noticioso. Para tanto, busco descrever causas e efeitos das práticas discursivas que foram desencadeadas, no mundo jornalístico, a partir de uma foto que evoca a imagem da presidenta Dilma Rousseff transpassada por uma espada.<sup>1</sup> Valho-me da análise de discurso crítica (ADC) com vistas a aproximar respostas a questões associadas a poder e ideologia, levantadas com base na leitura de textos veiculados em diferentes suportes midiáticos. Para a análise da sobreposição patente na foto/imagem, acerco-me ao campo de estudo da semiótica social, de modo específico, da gramática do design visual (GDV).

A oportunidade de apresentar, no âmbito da revista EUTOMIA, a linha do horizonte que baliza o panorama dos estudos críticos do discurso, com ênfase no contexto brasileiro, permite-me situar a Análise de Discurso Crítica (ADC) dentro de um novo mapa conceitual que emerge do trabalho de linguistas contemporâneos, com pesquisas voltadas para práticas sociais transformadoras. Antes, porém, destaco algumas considerações, conforme já delineadas em Silva (2005b, 2009), a partir de Fairclough (2001). A análise do discurso que enfoca a língua como prática social, bem como o texto (verbal e não-verbal) como um evento comunicativo, tem constituído o meu passaporte teórico básico, uma vez que significa uma forma de pesquisa social, também considerada uma prática teórica crítica, sobretudo, porque se baseia na premissa de que situações opressoras podem ser mudadas, visto que formas de opressão costumam emergir a partir de decisões de natureza social, o que as torna passíveis de serem transformadas.

O artigo encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira, comento as origens dos estudos críticos do discurso na Europa e o pioneirismo dessa corrente no Brasil, de modo específico, na capital federal através da Universidade de Brasília. Na segunda, apresento questões concernentes a mudanças discursivas, para situar teoricamente o poder da mídia e seu trabalho ideológico. Na terceira, traço um paralelo entre a ADC e a GDV, mediante o diálogo de ambas com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), e destaco alguns procedimentos metodológicos associados ao discurso e à semiótica social, bem

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo “hibridismo semiótico”, colhido em Mozdzenski (2008:22), para me referir a um fenômeno resultante de uma imagem do presente que, captada pelas lentes de um fotógrafo jornalista, remete à leitura de outra imagem associada a episódios do passado.

como a categorias da gramática do design visual utilizadas para balizar momentos analíticos na descrição e interpretação de dados. A quarta seção conjuga as análises semiótica e linguístico-discursiva dos dados empíricos (foto e textos), selecionados em três suportes midiáticos, o que envolve, ao mesmo tempo, uma dupla reflexão concernente aos resultados obtidos. As considerações finais destacam as relevâncias do estudo, bem como as implicações, como uma forma de contribuição para todos aqueles profissionais que trabalham com a associação de texto e imagem em contextos heterogêneos, com fronteiras demarcadas por estruturas mais amplas de poder e ideologia.

### **As origens dos estudos críticos do discurso e o contexto brasileiro**

Por ocasião de um simpósio celebrado em Amsterdã em janeiro de 1991, cinco pesquisadores - Gunther Kress (*London University*); Norman Fairclough (*Lancaster University*); Teun van Dijk (*Univ. Pompeu Fabra*); Theo van Leeuwen (*London College of Printing*), Ruth Wodak (*Vienna University; Lancaster University*) - discutiram durante dois dias teorias e métodos, voltados de modo especial para uma abordagem nova que se fortalecia, naquele momento, na esteira da Linguística Crítica. O discurso passava, então, a ser focado como prática social e a linguagem como um objeto historicamente produzido e interpretado em termos de sua relação com estruturas de poder e ideologia.

A partir desse evento, que reuniu, na concepção de Wodak, o “grupo científico dos iguais”, a *Critical Discourse Analysis* (CDA) começa a florescer na Europa e chega ao Brasil em 1993, pelo trabalho pioneiro de Izabel Magalhães, na Universidade de Brasília (UnB), com a sigla de ADC, o que marca a entrada do “grupo de Brasília” no cenário dos estudos do discurso, voltados para textos e eventos em diversas práticas sociais, bem como para descrever e interpretar a linguagem no contexto sociohistórico e político.<sup>2</sup> Para caracterizar algumas das posições assumidas pelo grupo, assim como por colegas da Linguística Aplicada, valho-me, aqui, das palavras de Kanavillil Rajagopalan (2003, p. 12), para quem “acreditar na linguística crítica é acreditar que podemos fazer a diferença”, assim como “acreditar que o conhecimento sobre a linguagem pode e deve ser posto a serviço do bem-estar geral”. (SILVA e RAMALHO, 2008a).

---

<sup>2</sup> Magalhães (2005, p.1-2) comenta as origens do grupo de Brasília e esclarece, quanto à sigla ADC, a tradução para o português do termo em inglês *critical discourse analysis*.

Em maio de 1998, durante três dias, Fairclough participou na UnB, juntamente com Rajagopalan (UNICAMP) e demais pesquisadores brasileiros, do III Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal (III ENIL), cujo tema central, **Análise de Discurso Crítica**, privilegiou debates voltados para uma concepção de educação como prática social transformadora. Nas trilhas do pensamento de Paulo Freire, buscamos questionar problemas existentes na realidade brasileira, bem como apontar mecanismos para sua superação. Em outubro de 2004, para comemorar mais de dez anos de pesquisa do conhecido grupo de Brasília, celebramos, dentro do VII ENIL, o I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica. A partir daquele ano, o ENIL, fruto de uma linha de pesquisa, ganhou espaço no cenário nacional como evento acadêmico-científico itinerante.

Na vertente crítica, enquanto analistas de discurso, cientes da variabilidade entre práticas e heterogeneidade, bem como entre processos de mudança histórica, conduzimos pesquisas linguísticas em torno de temas que vão desde práticas discursivas de natureza educacional, política, jurídica, como também midiática, passando pelas implicações de poder, ideologia e identidades sociais do mundo pós-moderno até questões de luta e conflito social. Destaque-se, aqui, o dilema das desigualdades e iniquidades sociais, tais como discriminação, racismo e pobreza, temas cada vez mais constantes nos estudos críticos do discurso, conforme pesquisas transdisciplinares desenvolvidas por Silva e Narico (2010) e também por Silva e Pardo Abril (2010). No que concerne a esses campos de aplicação, a ADC vem-se destacando no âmbito acadêmico-cultural, em termos gerais de pesquisa científica, por meio do diálogo com outras ciências e pela interação colaborativa com investigadores de países da América Latina, o que pode ser apreciado nas publicações em periódicos reconhecidos, tais como o volume 21(2005) especial da Revista **DELTA** e a série de 13 volumes de **Cadernos de Linguagem e Sociedade** (1995/atual) entre outros.<sup>3</sup>

No âmbito dos estudos críticos do discurso, o trabalho do linguista deve objetivar não só a descrição rigorosa dos fatos linguísticos contextualizados, mas, sobretudo, a intervenção ativa e proposital na realidade social encontrada. É nesse sentido que se pode apontar, no contexto brasileiro, o interesse crescente de pesquisas nessa corrente da Linguística que, além de contemplar a interioridade da língua como sistema estrutural (gramática), desde uma perspectiva funcional, dedica-se de modo específico à sua

---

<sup>3</sup> Acesso a **Cadernos de Linguagem e Sociedade** pelo <http://seer.bce.unb.br/index.php/les>

exterioridade multifuncional (discurso), dimensão que faz da língua um contrato social (SILVA, 2006, 2008). A seção apresentada a seguir reflete teoricamente essa dimensão em termos de sua amplitude na estrutura social.

## Mudanças discursivas, mídia e ideologia

Na sua proposta de Teoria Social do Discurso, Fairclough (2001) aponta uma relação dialética entre discurso e estrutura social e ressalta que, enquanto o discurso constitui uma prática social, tanto de representação quanto de significação do mundo (o que contribui para a construção de identidades sociais, bem como para a manutenção ou a transformação de relações sociais e sistemas de crenças), as mudanças discursivas podem afetar a ordem societária de discurso, o que implica corroborar para tendências de mudança mais gerais e abstratas nas sociedades contemporâneas. Entre tais mudanças, destaca o autor a **democratização**, a **comodificação** e a **tecnologização** do discurso com a seguinte explicação:

As duas primeiras referem-se a mudanças efetivas nas práticas de discurso, enquanto a terceira sugere que a intervenção consciente nas práticas discursivas é um fator cada vez mais importante na produção de mudança. Essas tendências têm causado um impacto notável sobre a ordem de discurso contemporânea, embora seu impacto seja desigual e existam contrastes claros entre ordens de discurso locais associadas a instituições ou a domínios particulares.

(FAIRCLOUGH, 2001, p. 247)

Explica o linguista britânico que a **democratização** corresponde à retirada de desigualdades e assimetrias sobre os direitos, as obrigações e o prestígio discursivo, bem como linguístico, dos grupos de pessoas. No que concerne à democratização discursiva, Fairclough (2001) analisa cinco áreas de mudança, que podem ser listadas da seguinte maneira: relações entre línguas e dialetos sociais; acesso a tipos de discurso de prestígio; eliminação de marcadores explícitos de poder em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder; tendência à informalidade das línguas; mudanças nas práticas referentes ao gênero na linguagem.

Com base na discussão analítica das cinco áreas mencionadas acima, observa o autor que, da mesma maneira que a democratização é operacionalizada, questões de intervenção concernentes à retirada dessas tendências abstratas podem ser trabalhadas em

favor da preservação de hegemonias existentes na esfera do discurso. No que concerne à **comodificação**, pode-se compreendê-la, nas palavras do autor, “como a colonização de ordens de discurso institucionais e mais largamente da ordem do discurso societária por tipos de discurso associados à produção de mercadoria” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 255). Isso pode ser observado no contexto brasileiro, de modo específico, no domínio da educação, associada ao domínio político, em propagandas de partidos ou de governos vigentes. Refiro-me a espaços sociais institucionalizados em que costumam aparecer anúncios publicitários, sob a forma de noticiários informativos, que caracterizam a educação, sob uma mescla de publicidade e recursos financeiros, como se fosse uma mercadoria, conforme discutido amplamente por Vieira (2009).

Quanto à **tecnologização**, conforme sugere Fairclough (p. 264), sua presença nas sociedades contemporâneas indicia “uma tendência relacionada ao controle sobre partes cada vez maiores da vida das pessoas”. Para explicitar o sentido do termo tecnologização, estendido ao discurso, vale-se o autor da visão foucaultiana concernente a ‘tecnologias’, bem como a ‘técnicas’ a serviços do ‘biopoder’ moderno. Fairclough enfatiza que as ‘tecnologias discursivas’, assim como a ‘tecnologização do discurso’, são características de ordens de discurso modernas. Em suas palavras:

Ao denominá-las tecnologias do discurso, quero sugerir que na sociedade moderna elas têm assumido e estão assumindo o caráter de técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para perseguir uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos contextos.

(FAIRCLOUGH, 2001, p. 264)

A essas tecnologias discursivas, podemos associar formas específicas de recursos semióticos (foto/ imagem), utilizadas pela mídia como simulação para propósitos estratégicos e instrumentais de significados que remetem à intertextualidade, o que será discutido mais adiante. Por hora, vale lembrar que, em estudos anteriores, Fairclough (1995) comenta a posição representativa da mídia, bem como o trabalho ideológico da mesma, sobretudo, pelas formas particulares de representação do mundo, através de uma linguagem que pode influenciar de maneira decisiva a construção de determinadas identidades sociais. Isso, como sugere o autor, pode ser articulado a formas particulares de representação, significação e construção do mundo através da linguagem utilizada, o que remete ao conceito de ideologia. Na concepção do autor:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas de sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

(FAIRCLOUGH, 2001, p.117)

Na esteira do pensamento fairclougheano, a contribuição da pesquisa social crítica está em procurar compreender como são produzidos ideologicamente, pelas sociedades, tanto os efeitos benéficos (como a liberdade da mídia enquanto órgão de produção e distribuição de informações), como os maléficos (afrontas sociais da mídia, por exemplo), e como os efeitos maléficos podem ser mitigados ou, em condições propícias, transformados em aspectos positivos para uma nova ordem social. Como lembram Silva e Ramalho (2008a, p. 269), “a ideia de que problemas sociais podem ser desencadeados e sustentados, assim como superados, por (sentidos de) textos, assenta-se na ontologia do Realismo Crítico”.<sup>4</sup>

A propósito, ao introduzir sua nova proposta referente à metodologia em pesquisa social transdisciplinária, Fairclough (2010, p. 235) remete ao Realismo Crítico, uma vez que, em suas palavras, “a metodologia pode ser vista como uma variante da ‘crítica explanatória’ de Bhaskar (BHASKAR 1986, CHOULIARAKI E FAIRLOUGH 1999) e pode ser formulada inicialmente em quatro estágios”.<sup>5</sup> Vejamos.

Estágio 1 - Enfocar um fato socialmente errôneo (*wrong social*), em seu aspecto semiótico.<sup>6</sup>

Estágio 2 - Identificar obstáculos concernentes ao fato socialmente errôneo.

Estágio 3 - Considerar se a ordem social ‘necessita’ dessa afronta social.

Estágio 4 - Identificar possíveis formas de ultrapassar os obstáculos.

Com base nos quatro estágios sugeridos pelo autor, que se desdobram em uma escalada descendente de passos (*steps*), procuro apresentar o que considero um fato noticioso, passível de ser considerado socialmente errôneo em seu aspecto semiótico. Meu propósito é discuti-lo, na seção analítica, em termos de questões que refletem “contextos de situação” (fatos e eventos) e tangenciam “contextos de cultura” (poder, ideologia e

<sup>4</sup> Uma caracterização do Realismo Crítico, cujo expoente é reconhecido no filósofo contemporâneo Roy Bhaskar (1978, 1998), encontra-se detalhada em Ramalho (2007), bem como em Resende (2009).

<sup>5</sup> Trad. livre: *The methodology can be seen as a variant of Bhaskar’s ‘explanatory critique’ (BHASKAR 1986, CHOULIARAKI e FAIRLOUGH 1999) and can be formulated initially as four ‘stages’.*

<sup>6</sup> A expressão *wrong social* é tomada, no contexto do presente estudo, mais no sentido de afronta, como um ato de ameaça à ‘face’ (BROWN e LEVINSON, 1978), em lugar de um erro de magnitude socialmente agravante.

formas abstratas de exclusão), sondando o papel da linguagem, onde se encontram incrustadas representações sociais que podem ser identificadas, de modo específico, na “voz” do discurso da mídia, bem como em outras formas de semióse, responsáveis também por processos de significação, como parte da construção social.

A seguir, com base em estudos de semiótica social, busco o enlace que existe entre a análise de discurso crítica (ADC) e a gramática do design visual (GDV).

### **Semiótica social: entre a ADC e a GDV**

Inicialmente, devo ressaltar que três princípios semióticos basilares – noção de escolha, de contexto e de funções (ideacional, interpessoal e textual) – originam-se das formulações teóricas propostas por Halliday para quem, entre todos os sistemas semióticos humanos (físico, biológico e social), “a linguagem é a principal fonte de poder” (HALLIDAY, 2003: 4).<sup>7</sup>

Nesta seção, balizada por trabalhos de pesquisa voltados para a área da semiótica social, procuro reforçar a interação entre a análise de discurso crítica e a proposta da gramática do *design* visual. Como ponto de partida, valho-me da posição de linguistas que, em consonância com a escola australiana, mostram a pesquisa no contexto brasileiro, alinhada à nova fase de estudos de semiótica social. De acordo com Lima e Santos, (2009):

A partir das concepções da ACD, Kress e van Leeuwen (2006) expandiram a *Semiótica Social* e criaram a *gramática do design visual*, as quais possibilitam uma análise estruturada da utilização dos elementos visuais para produzir significados nas sociedades contemporâneas ocidentais. Ampliando o conceito de Fairclough (2003) de comunidade discursiva na comunicação, Kress e van Leeuwen (2001) propõem a inclusão do conceito de comunidade interpretativa, segundo o qual o sujeito seleciona os aspectos da mensagem que serão interpretados, deixando uma posição apenas receptiva para se tornar um reproduzidor social do discurso. Isso remete à intertextualidade subdividida em manifesta (explícita no texto) e em constitutiva-interdiscursiva (implícita no texto).

(LIMA e SANTOS, 2009, p. 42)

Das informações destacadas acima, dois pontos de vista demandam uma breve reflexão teórica. Em primeiro lugar, merece atenção o lugar ocupado pelo sujeito, na comunidade interpretativa, que pode ser visto como um agente reproduzidor social de um

---

<sup>7</sup> Trad. livre: *Of all human semiotic systems, language is the greatest source of power.*

discurso mais amplo, cujos domínios ou ambientes institucionais costumam aparecer investidos, política e ideologicamente, de formas particulares de poder. Faço referência, aqui, ao denominado quarto poder, emanado da imprensa enquanto instituição, bem como à rede de práticas sociais da ordem do discurso jornalístico. Duas posições permitem-me explicar essas reflexões. De um lado, como bem observam Lima e Santos (2009, p. 44), “os tipos de discurso relacionam-se às estruturas e instituições sociais, bem como aos papéis sociais que o indivíduo desempenha”. De outro lado, esclarece Fairclough (2010, p.232), “a dimensão semiótica de (redes de) práticas sociais, o que envolve campos sociais, instituições, organizações etc equivale a **ordens do discurso**; a dimensão semiótica de eventos equivale a **textos**”.<sup>8</sup>

O segundo ponto de vista concerne à intertextualidade. Conforme esclarece Fairclough (2010, p. 234), um aspecto da intertextualidade é a interdiscursividade, categoria que nos permite questionar em que tipos de gênero, discurso e estilo se encontram os textos veiculados e como funcionam em termos de suas articulações específicas. Considero que a intertextualidade, em sua faceta constitutiva-interdiscursiva, permite-nos sondar (com o auxílio de ferramentas da gramática do *design* visual) articulações de **escolhas** particulares, com vistas a descrever e interpretar significados implícitos, oriundos da conjugação de imagem e textos noticiosos, veiculadas no contexto social midiático. Tais articulações serão explicitadas na sessão analítica.

Afirmam Lima e Santos (2009, p. 44) que, “na Semiótica Social, a construção dos discursos e a escolha dos signos estão relacionadas ao contexto social”. Uma breve discussão sobre a noção de **contexto**, iniciada em (Silva, 2005a) e retomada em Silva (2012) faz-se, aqui, pertinente. Em poucas palavras, sugiro que:

para descrever e interpretar o uso da linguagem como prática social, discutir práticas discursivas e representações sociais, bem como identificar, em escolhas léxico-gramaticais ou em estruturas linguísticas, pistas contextualizadas que veiculam efeitos ideológicos da gramática no discurso, faz-se necessário considerar a noção de contexto. Nessa perspectiva, parece razoável evitar qualquer tipo de autonomia ou predomínio, em termos de uma dimensão cognitiva (interioridade) de contexto com relação a uma dimensão cultural (exterioridade).

(SILVA, 2012, p. 7)

---

<sup>8</sup> Trad. livre: *The semiotic dimension of (networks of) social practices which constitute social fields, institutions, organisations etc is **orders of discourse** (Fairclough, 1992a); the semiotic dimension of events is **texts***. (Negritos por escolha da autora).

A discussão mais ampla acerca de uma noção de contexto em uma dimensão semiótica constitui, sem dúvida, uma oportunidade de reflexão sempre presente e, ao mesmo tempo, um desafio para estudos futuros. Parafraseando as ideias de Kanavillil Rajagopalan (prelo), colhidas em artigo recente de Nogueira e Ferreira (2012, p. 199), atrevo-me a ponderar que, assim como o “diálogo entre o passado e o presente é inevitavelmente infundável”, a linha do horizonte que alimenta o diálogo entre a dimensão cognitiva e a dimensão cultural de contexto parece-me inevitavelmente infinita. Em outras palavras, há muito para ser investigado ainda a respeito do(s) sentido(s) de contexto, apesar da contribuição de estudiosos brasileiros, voltada para uma teoria do contexto, tal como a proposta tão rica iniciada por Meurer (2008), ou a atualizada em recente obra de van Dijk (2012).

Como já explanado em Silva (2007), o contexto social, em que se insere o sistema semiótico, compreende dois níveis que se entrelaçam: o contexto de cultura, mais geral e abstrato, formado por sistemas de gêneros, e o contexto de situação, com seus elementos campo (atividade social), relações sociais (interpessoais) e modo (papel da linguagem na atividade). Nessa perspectiva, as escolhas realizadas no contexto de cultura têm impacto nas escolhas em nível situacional, e as duas materializam-se na linguagem, organizada pelas três macrofunções hallidayanas: ideacional (pela qual construímos e representamos a experiência de mundo); *interpessoal* (pela qual estabelecemos relações sociais), e *textual* (pela qual estruturamos significados em textos), conforme Halliday & Matthiessen (2004).

Com base em Halliday (1994), sugere Fairclough (2003) que um texto, além de envolver simultaneamente as funções ideacional, interpessoal (identitária e relacional) e textual, deve ser visto sob o prisma de três tipos de significados da linguagem, ou seja, como ação (por meio de um *gênero*), representação (por meio de um *discurso*) e identificação (por meio de um *estilo*), que são os três elementos de ordens de discurso. Nessa perspectiva, cada ordem de discurso, como a pertinente ao campo do jornalismo, por exemplo, envolve gêneros discursivos característicos, que articulam discursos e estilos de maneira relativamente estável num dado contexto social, histórico e cultural.

Os modos de agir (significados acionais), os modos de representar (significados representacionais), bem como os modos de ser (significados identificacionais), nada mais são que práticas sociais configuradas, respectivamente, como parte da ação nas

representações que sempre formam parte de práticas sociais e na constituição de modos particulares de ser (identidades sociais pessoais). Conforme já discutido em Silva e Ramalho (2008b), o ponto de partida nesses três principais significados do discurso leva a efeito a proposta fairclougheana de alcance da relação dialética entre momentos semióticos e não-semióticos do social. Além disso, avança Fairclough na percepção não só do **sistema semiótico**, mas também do **sistema social de redes de ordens de discurso**. Isso se explica pelo fato de gêneros, discursos e estilos, como maneiras relativamente estáveis de (inter-)agir, representar e identificar(-se) em práticas sociais, não serem categorias puramente linguísticas. Uma vez que práticas articulam discurso com outros momentos não-discursivos (relações sociais, pessoas, interação, mundo material), elementos de ordens de discurso são categorias tanto discursivas quanto sociais, que “atravessam a divisão entre o linguístico e o não-linguístico, entre o discursivo e o não-discursivo” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

Na Gramática do Design Visual, as metafunções ideacional, interpessoal e textual passam a ser denominadas por Kress & van Leeuwen (1996) de significados representacionais, interativos ou interpessoais e composicionais, respectivamente. Cada significado depende das escolhas feitas a partir de redes de sistemas, conforme sintetizado no quadro apresentado a seguir.

#### Rede de sistemas de significado na Gramática do Design Visual

<b>Gramática do Design Visual (Kress &amp; van Leeuwen (1996; 2006))</b>	
<b>Significado representacional</b> (metafunção ideacional)	<b>Estrutura narrativa:</b> ação transaccional/ ação não-transaccional reação transaccional/ reação não transaccional processo verbal  <b>Estrutura conceptual:</b> Processo classificacional Processo analítico Processo simbólico
<b>Significado interpessoal</b> (metafunção interpessoal)	Contacto (Demanda- Interpelção ou Oferta) Distância Social (social, pessoal, íntima) Atitude (objectividade ou subjectividade)
<b>Significado composicional</b> (metafunção textual)	Valor de Informação (ideal – real, dado – novo) Saliência (elementos mais salientes que definem o caminho de leitura) Moldura (o modo como os elementos estão conectados na imagem)

(adaptado de Silva, Carvalho e Conde, 2009)

Observe-se, no interior do quadro, a seguinte relação: enquanto a rede do sistema de significados representacionais envolve os sistemas de estrutura narrativa e estrutura conceptual, a rede do sistema de significados interpessoais inclui os sistemas de contato, de distância social e de atitude. Já a rede do sistema de significados composicionais compreende os sistemas de valor da informação, de saliência e de moldura ou enquadre.

O que caracteriza uma estrutura como narrativa é a presença de um vetor - uma linha imaginária, formada por corpos, braços, linha do olhar, instrumentos em ação dentre outros - que sugere ações, eventos. O tipo de vetor, a quantidade e os tipos de participantes envolvidos definem os processos narrativos como: processos de ação, processos reacionais, processos verbais, processos mentais e processos de conversão. Por outro lado, nas estruturas conceptuais, participantes não desempenham ações, mas são representados em termos de classe, significação, estrutura, ou seja, de seus traços e características essenciais.

Da identificação empírica desses tipos de estruturas representacionais ocupar-nos-emos a seguir, balizando o percurso analítico, em termos de procedimentos metodológicos, com base nos 4 estágios propostos por Fairclough (2010).

## Os dados em cena

O percurso analítico tem como base três textos, provenientes de suportes midiáticos distintos, dentre os quais destaco o texto 1 – **Foto de Dilma 'transpassada' por espada vence prêmio internacional** – colhido na internet. Trata-se de uma produção multimodal, cujo conteúdo gira em torno de uma imagem espetaculosa que, embora tenha logrado alcançar repercussão altamente positiva na mídia nacional e internacional, por ser ilustrativa de um fenômeno denominado “curioso”, pode ser considerada ao mesmo tempo como um desvio socialmente errôneo (*wrong social*), em seu aspecto semiótico (estágio 1).<sup>9</sup>

O texto 2 - **Fotógrafo brasileiro diz que foto de Dilma representa momento difícil** - também foi selecionado na internet, mas em outro sítio. O texto 3 - **Cada um com sua guerra** - foi selecionado da revista VEJA em sua edição impressa nº 2232. Ambos reforçam os sentidos veiculados no texto 1, visto que o conteúdo principal da mensagem é reiterado e cada um, bem como a escolha de recursos linguístico-discursivos.

---

<sup>9</sup> Como bem observa Mozdzenski (2008:22), com base nos estudos de Braga (2004), “em produções multimodais as possibilidades de construção de sentidos se ampliam”.

De início, três questões cobram a atenção de quem se depara com um texto multimodal, composto de palavra e imagem: (1) o que está acontecendo?; (2) quem participa desse evento?; (3) qual o papel da linguagem?. Aproximar respostas a essas perguntas equivale a descrever e interpretar os contextos em que se dá a relação texto-imagem, o que será buscado a seguir.

### Texto 1: Foto de Dilma 'transpassada' por espada vence prêmio internacional

Imagem curiosa da presidente em ato militar representou momento político. Wilton Júnior, da Agência Estado, recebeu prêmio Rei da Espanha.

Uma imagem em que a presidente Dilma Rousseff parece ser transpassada por uma espada de um militar em uma cerimônia oficial foi anunciada esta semana como a vencedora do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha na categoria Fotografia.



Foto vencedora do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha (Foto: Wilton Júnior/AE)

Feita pelo fotógrafo Wilton de Sousa Júnior, da Agência Estado, a foto foi publicada no jornal "O Estado de S.Paulo" em 21 de agosto de 2011 e no dia 31 do mesmo mês na revista "Veja", que a escolheu como "imagem da semana".

O registro foi feito durante a cerimônia de entrega de espadas a 441 cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, no sul fluminense, dias depois de Dilma ter perdido seu quinto ministro em menos de oito meses de Governo, quatro deles envolvidos em acusações de corrupção.

Wilton Júnior explicou à agência EFE, uma das organizadoras do prêmio, que pretendia fazer uma fotografia da espada antes da cerimônia da Academia Militar, acreditando que a imagem poderia traduzir uma "imagem política muito forte".

Fonte: (<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>)

A foto em destaque remete à leitura de outra imagem pela sobreposição, por intertextualidade, de uma estrutura narrativa de ação não-transacional de natureza constitutiva-interdiscursiva (implícita). Ocorre um processo de alusão, por meio de uma sugestão psíquica, que induz sem dizer. Isso aguça a necessidade de se identificar que obstáculos imprimem à foto vencedora um sentido agonístico (de luta relacionada ao poder) e, ao mesmo tempo, de embate, em termos de uma espécie de oposição ao lugar ocupado hoje por Dilma Rousseff, cuja trajetória de vida parece suscitar embates. Será que a ordem social 'necessita' desse tipo de representação? Trata-se, a meu ver, do que se pode considerar como obstáculos, conforme sugere Fairclough nos estágios 2 e 3. Tem-se um deslocamento de sentido(s) na narrativa visual, em que a ação se reveste de um significado socialmente errôneo se levarmos em conta a espetacularização da imagem pública da atual presidenta, vinculada, num paralelismo antagônico, ao seu passado de militante. Porém, o obstáculo mais complexo concerne ao valor da informação e à saliência de elementos para a leitura.

As partes destacadas em *close* conferem um significado composicional ao todo, esgotando e estabilizando o(s) sentido(s) do potencial ideológico (cf. VAN LEEUWEN, 2008). O ângulo cristalizado na foto insinua uma espécie de exclusão da imagem (real) da Chefe de Estado e da inclusão, ainda que abstrata, de uma imagem (ideal) de subserviência, o que é sugerido pelo vetor da curvatura do corpo. Em lugar do sentido real de uma reverência cívica, pertinente ao momento do evento oficial, a foto favorece significados associados à submissão. Ressalte-se que esses obstáculos semióticos encontram-se em consonância com uma ação não-transacional, marcada por outro vetor: um agente social simbólico (espada) → em direção a uma meta (alvo da ação).<sup>10</sup> A quem interessaria, na realidade, efeitos de sentido como esses?

## Texto 2 - Fotógrafo brasileiro diz que foto de Dilma representa momento difícil

O fotógrafo Wilton de Sousa Júnior disse nesta quinta-feira que a fotografia com a qual ganhou o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha pretendia "retratar" o difícil momento político que a presidente Dilma Rousseff vivia em agosto do ano passado com uma imagem "forte".

"A presidente passava por um momento muito difícil. Eu buscava uma foto que pudesse sintetizar esse momento", explicou Wilton Júnior à Agência Efe, em referência a imagem em que Dilma parece ser transpassada por uma espada de um militar em uma cerimônia oficial.

<sup>10</sup> O vetor, no caso, sinaliza uma ação em uma única direção (→), conforme indicado na imagem. Resulta que, o que na linguagem é realizado por meio de escolhas léxico-gramaticais da categoria 'processo de ação', em imagens é realizado por **vetores** que configuram linhas imaginárias (cf. as tracejadas sobre a foto).

A fotografia foi publicada no jornal "O Estado de S.Paulo" em 21 de agosto de 2011 e no dia 31 do mesmo mês na revista "Veja", que a escolheu como "a imagem da semana".

O registro foi feito durante a cerimônia de entrega de espadas a 441 cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, no sul fluminense, dias depois de Dilma ter perdido seu quinto ministro em menos de oito meses de Governo, quatro deles envolvidos em acusações de corrupção.

Wilton Júnior explicou que pretendia fazer uma fotografia da espada antes da cerimônia da Academia Militar, acreditando que a imagem poderia traduzir uma "imagem política muito forte".

O júri da 29ª edição do prêmio, promovido anualmente pela Agência Efe e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), avaliou "principalmente a habilidade do fotógrafo para captar um instante de perfeita sincronia cujo resultado causa surpresa".

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2012/01/12/fotografo-brasileiro-diz-que-foto-de-dilma-representa-momento-dificil.htm>.

Nos textos anteriores, o léxico selecionado para qualificar a imagem focada, tal como os determinantes nas expressões imagem 'curiosa' e imagem 'forte', referem-se à imagem da presidente, trabalhada ideologicamente, pelo interesse do fotógrafo em um momento difícil. Mais um recurso que chama a atenção concerne ao destaque de sequências provenientes de outros discursos, marcadas entre aspas, o que remete a campos semânticos específicos, tanto no primeiro quanto no segundo texto.

Observe-se, ao longo do texto 2, que o uso recorrente das aspas serve para monitorar a atenção de leitores/as e, o que mais cabe destacar, para deslocar significados em favor de uma argumentação canalizada ideologicamente para associações que, sob a forma de intertextualidade constitutiva-interdiscursiva (implícita), favorecem a interesses e posições particulares de uma instituição. Entre tais interesses, se há de convir, está a busca de uma classe profissional, em forma de reconhecimento ao trabalho dedicado ao mundo jornalístico. Isso justifica, pelo menos em parte, a busca de produção de informação, o que envolve a procura de "ângulos inusitados" de imagens propícias à evocação de significados favoráveis a outros sentidos, o que pode ser apreciado no texto 3.

Texto3 - Cada um com sua guerra

**Imagem da Semana**

Datas ■ Holofote ■ SobeDesce ■ Conversa ■ Números ■ Radar ■ Veja Essa

## Cada um com sua guerra

**Presidentes da República decidem em quais batalhas entrarão. Dilma Rousseff tem feito as escolhas certas no Planalto**

■ Fotógrafos adoram captar ângulos inusitados, capazes de fazer com que a imagem retratada ganhe um segundo significado. Na cena estampada acima, a presidente Dilma Rousseff parece ter sido trespassada por uma espada empunhada por um militar. Dado o passado de Dilma, ex-militante de uma organização clandesti-

na que combatia a ditadura de direita, a ilusão de ótica ganha um sentido curioso. Evidentemente, a presidente não estava sob ataque. Pelo contrário: ela havia sido saudada pelo comandante da guarda de honra durante a cerimônia de formatura de 441 cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, no Rio. Como

ocorre todos os anos desde 1932, cada um dos jovens aspirantes a oficial recebeu o Espadim de Caxias, uma réplica em escala do sabre usado pelo duque de Caxias na Batalha do Itororó, em 1868, a mais celebrada da Guerra do Paraguai. As tropas brasileiras tinham a missão de conquistar uma ponte controlada pelos inimigos. Entrincheirados, os paraguaios resistiam, sem ceder um centímetro. Uma série de investidas frustradas fez com que as baixas do lado brasileiro chegassem às centenas. Combali-

vam dispersar-se. Caxias, então com 65 anos, sacou do sabre e avançou pessoalmente sobre a ponte, gritando: "Sigam-me os que forem brasileiros!". O gesto resgatou o moral da tropa, que de fato o seguiu e conquistou a vitória. A presidente Dilma trava a sua própria guerra: a operação de faxina que ela desencadeou em Brasília contra os corruptos que infestam a máquina pública. Eles resistirão como soldados na trincheira. Dilma precisará de todo o apoio. Sigam-na os que forem brasileiros. ■

**FÁBIO PORTELA**

Fonte: Revista VEJA, Edição nº 2232

31 de agosto de 2011 / p. 59

De início, cabe informar que a foto premiada aparece com destaque na página da VEJA reproduzida acima. Porém, aqui, por economia de espaço, foi retirada do texto, cujo título – Cada um com sua guerra – reforça o sentido belicoso com que o hipertexto midiático trabalha o(s) significado(s). A matéria jornalística editada pela VEJA pode ser considerada, assim como as duas anteriores, como gênero textual opinativo, enquanto ação retórica tipificada, pelo alto pendor atitudinal que carrega na mensagem tecida por um hibridismo semiótico, a partir de uma foto criativa.

Claro está que um prêmio internacional, concedido a uma foto criativa, captada pelas lentes de um jornalista brasileiro, torna unísono o discurso de júbilo da imprensa. Mas, por outro lado, em termos de bem estar social, o hibridismo semiótico, resultante do cruzamento da imagem flagrada, com intenções vinculadas a interesses midiáticos, pode ser apontado como um gerador de afronta, uma ameaça à face. Os textos, no caso, reforçam a alusão a um passado, o que se configura também como obstáculos, próximos a um equívoco social, cujo alcance pelo deslocamento causado indicia a relação dialética do poder da mídia com outras instâncias de poder.

### Considerações finais

Busquei descrever e interpretar causas e efeitos das práticas discursivas que foram desencadeadas, no mundo jornalístico, a partir da foto que evoca a imagem da presidenta

Dilma Rousseff transpassada por uma espada, bem como de textos referentes ao flagrante semiótico representado. Por um lado, o fato de uma imagem instantânea, captada com criatividade pelo fotógrafo jornalista, ter logrado alcançar ampla repercussão não pode ser medido apenas pelo mérito do prêmio internacional concedido ao autor e, tampouco, pelo júbilo da mídia brasileira. Mais além do hibridismo semiótico fortuito e criativo da foto, encontra-se uma questão complexa das representações e construções de significados que atingem sistemas de valores ideológicos e de poder, dois vetores paralelos que perpassam representações discursivas identificadas nas práticas sociais do jornalismo brasileiro.

Sabe-se que uma estrutura é ideológica na medida em que pode, ou não, corresponder à perspectiva do/a produtor/a ou do/a leitor/a. O que é relevante como ideologia é que a informação é apresentada ao leitor/a como se tivesse um valor ou estatuto de verdade, e este/a será monitorado, no ato da leitura, segundo aquela estrutura, mesmo que processos de significação venham a ser rejeitados por determinados/as leitores/as. Por outro lado, como sugere Fairclough (2001, p. 265):

As tecnologias do discurso estabelecem uma relação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder.[...] É previsível que cada vez mais haja expectativa de que os analistas de discurso e os linguistas funcionem como tecnólogos do discurso ou tornem os resultados de suas pesquisas disponíveis a eles.

Que o estudo aqui levado a cabo possa ser considerado como uma forma de contribuição para todos aqueles profissionais que trabalham com a associação de texto e imagem em contextos de situação heterogêneos, com fronteiras demarcadas por estruturas mais amplas de poder e ideologia. Enfim, em consonância com o estágio 4, que os obstáculos apontados ao longo da análise possam ser mitigados ou, em condições propícias, transformados pelo discurso ou por outra(s) forma(s) de semiose em prol do bem estar humano, dentro de uma nova ordem social.

## Referências Bibliográficas

BHASKAR, R. *A realist theory of science*. Brighton: Harvester, 1978.

\_\_\_\_\_. Philosophy and scientific realism. In: ARCHER, M.; BHASKAR, R; COLLIER, A.; LAWSON, T. & NORRIE, A. (Ed.). *Critical realism: essential readings*. London; New York: Routledge, 1998, p. 16-47.

BROWN, G. e LEVINSON. S. Universal of language usage: politeness phenomenana. In: E.Goody (Ed.). *Questions and politeness*. Cambridge: C. U. Press, p. 56-324, 1978.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburg : Edinburg University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*, 2ª ed. Inglaterra: Longman Applied Linguistics, 2010.

\_\_\_\_\_. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. I. Magalhães (Coord. da trad. rev. técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. *Media discourse*. London: Paperback, 1995.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

HALLIDAY, M.A.K *On Language and Linguistics*, vol. 3. Londres: Continuum, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.

LIMA, C.H.P. e SANTOS, Z.B. Contextualizando o contexto: um conceito fundamental na Semiótica Social. In: Lima. C.H.P., Pimenta, S.M.O e Azevedo, M.T.A. (Orgs.), *Incursões Semióticas*. Rio de Janeiro: Livre expressão, p. 30-47, 2009.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. In: *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 21, nº especial, p. 1-9. São Paulo: EDUC – Editora da PUC, 2005.

MOZDZENSKI, L. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

NOGUEIRA, C. A. e FERREIRA, D.M. Contexto: considerando *ad infinitum*. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol 13 (1), p. 187-201. Brasília: PPGL - Thesaurus Editora, 2012.

RAJAGOPLANA, K. A dadidade dos ditos dados na/da pragmática. In: Gonçalves, Adair (Org.). *Linguística e as várias vertentes: como fazer pesquisa na área da linguagem*. (prelo)

SILVA, D.E.G. Editorial. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol 13 (1). Brasília: UnB/PPGL - Thesaurus Editora, 2012.

SILVA, D.E.G. e ABRIL, N.G.P. Miradas cruzadas hacia la pobreza desde una perspectiva crítica transdisciplinária. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol 11 (1), p. 66-90. Brasília: UnB/PPGL - Thesaurus Editora, 2010a.

SILVA, D.E.G. e NARICO, N. A. Discurso de mulheres Terena: fragmentos de uma identidade. In: *Raído*, v. 4, p. 15-30. Mato Grosso do Sul: UFGD, 2010b.

Silva, D.E.G. Representações discursivas da pobreza e gramática. In: *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 25, nº especial, p. 721-731. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, 2009.

SILVA, D.E.G., CARVALHO, F. e CONDE, I. *7ª Oficina de Trabalho sobre Linguística Sistémico-Funcional*. Portugal: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (curso inédito), 2009.

SILVA, D.E.G. Social Representations and Experiential Metafunction: Poverty and Media Discourse. In: *Proceedings 35<sup>th</sup> International Systemic Functional Congress: Voices Around the World*, v. 1. p. 100-105. Sydney: Macquarie University, 2008.

SILVA, D.E.G. Identidades enfraquecidas *versus* cidadania cultural. In: Joachin Sèbastien (Org.). *Diversidade cultural, linguagens e identidades*. Recife: Elógica, vol. 1, p. 51-68, 2007.

SILVA, D.E.G. Critical Discourse Analysis and the functional bases of language. In: L. Barbara e T. Berber Sardinha (Eds.), *Proceedings 33<sup>rd</sup> International Systemic Functional Congress*, p. 932-049. São Paulo: PUC-SP, 2006. Disponível em:

[http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/45cda\\_silva\\_932a949.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/45cda_silva_932a949.pdf).

SILVA, D.E.G. Motivações cognitivas e interacionais em competição: a força das palavras em contexto. In: *D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 21, nº especial, p. 93-103. São Paulo: EDUC, 2005a.

SILVA, D.E.G. Discurso e gramática: motivações cognitivas e interacionais, p. 37-48. In: D.E.G. (Org.), *Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005b.

SILVA, D.E.G. e RAMALHO, V. Análise de discurso crítica: representações sociais na mídia. In: Lara, G. M.P. *et alii* (orgs.). *Análise do discurso hoje*, p. 265-291. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

SILVA, D.E.G. e RAMALHO, V. Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. In: *Revista Latinoamericana de Estudios del discurso*, vol 8(1), p. 19-41. Venezuela: Servi-k C.A, 2008b.

RAMALHO, V. Diálogos teórico-metodológicos: Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 8, p. 78-104, 2007.

RESENDE, V. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2009.

MEURER, J.L. *Uma teoria social do contexto para a análise de textos e discursos na contemporaneidade*. Projeto submetido ao CNPq para Bolsa de Produtividade em Pesquisa, 2008.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. R. ILARI. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: News tools for critical discourse analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, J.A. O discurso mercantilista do ensino brasileiro. In: J. A. Vieira *et al.* (Orgs.), *Olhares em análise de discurso crítica*, 117-141. Brasília: CEPADIC, 2009.

Disponível em [www.cepadic.com](http://www.cepadic.com)

---

<sup>i</sup> Denize Elena GARCIA DA SILVA, Profa. Dra.  
Universidade de Brasília (UnB)  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
[denizelena@gmail.com](mailto:denizelena@gmail.com)